



“Eu fiz o mapa que você tem que escolher o caminho que vai seguir¹”: as pesquisas e a docência COM as crianças

I made the map you have to choose the path you will follow”: research and teaching WITH children

“Yo hice el mapa para que ustedes elijan el camino que seguirán”: investigación y docencia CON niños

Denise Wildner Theves⁴

Professora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre/RS, Brasil

Vitória Angela Paim⁵

Professora na Educação Básica e mestranda no Programa de Pós-Graduação em ensino de Geografia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre/RS, Brasil

Cássia Yurica Cardoso Ribas⁶

Psicóloga clínica, professora na Educação Infantil, licencianda em Pedagogia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre/RS, Brasil

Recebido em: 02/05/2025

Aceito em: 05/07/2025

Resumo

No texto, relatam-se experiências que emanam dos recortes da pesquisa “Quando eu olho de longe vejo mais. Quando eu chego mais perto vejo melhor as coisas que têm” – A Geografia Escolar nos anos iniciais do Ensino Fundamental: problematizações. O percurso da investigação abordada neste texto foi realizado em uma turma do primeiro ano do Ensino Fundamental, em uma escola da rede pública estadual localizada em Porto Alegre (RS), com o objetivo de refletir com dispositivos para o desenvolvimento da Geografia Escolar com os anos iniciais do Ensino Fundamental. Foram, assim, propostas atividades com o uso de mapas, ancoradas nos estudos da Geografia da Infância, estudos de Lopes (diversas obras), Vigotski (2010) e na construção de mapas vivenciais. Esses momentos, registrados em notas de campo, mostraram-se profícuos para conhecer as espacialidades das crianças, revelando suas lógicas e autorias. Além disso, reafirmaram a importância das pesquisas com as crianças, com as quais se dialoga com a docência e a formação de professores.

Palavras-chave: Pesquisas com as crianças. Geografias. Docência.

¹ Explicação de uma criança para o seu mapa (nota de campo, 2023).

⁴ denisetheves@gmail.com.br.

⁵ paimmvitoria@gmail.com.

⁶ cassia.yurica@hotmail.com.

Abstract

This paper reports experiences derived from the research project “When I look from afar, I see more. When I get closer, I better see the things that exist” – School Geography in the Early Years of Elementary Education: Problematisations. The investigation was conducted in a first-grade class at a public state school in Porto Alegre (RS), aiming to reflect on tools for developing School Geography in the early years of elementary education. Activities involving the use of maps were proposed, grounded in Childhood Geography studies, works by Lopes, Vygotsky (2010), and experiential mapping. These moments, documented through field notes, proved fruitful in understanding children’s spatialities, revealing their logic and authorship. Furthermore, the study reaffirmed the importance of research with children, fostering dialogue between teaching practice and teacher education.

Keywords: Research with children. Geographies. Teaching.

Resumen

El texto relata experiencias que emanan de los fragmentos de la investigación “Cuando miro de lejos veo más. Cuando me acerco veo mejor las cosas que existen” – Geografía Escolar en los primeros años de la Enseñanza Primaria: problematizaciones. La ruta de investigación que este texto aborda se llevó a cabo en una clase de primer año de la Enseñanza Primaria en una escuela pública estatal, ubicada en Porto Alegre (RS), con el objetivo de reflexionar con dispositivos para el desarrollo de la Geografía Escolar con los primeros años de la Enseñanza Primaria. Así, se propusieron actividades con el uso de mapas, anclados en estudios de Geografía Escolar, estudios de Lopes (varios trabajos), Vygotsky (2010) y se realizaron mapas vivenciales. Estos momentos registrados en notas de campo fueron fructíferos para conocer las espacialidades de los niños, revelando sus lógicas y autorías. Además, reafirmaron la importancia de la investigación con niños, con las cuales se dialoga con la docencia y la formación de profesores.

Palabras clave: Investigación con niños. Geografías. Docencia.

Um mapa e o caminho que se vai seguir

A parte inicial que dá título a este texto são palavras de Valentim (nota de campo, 2023), um menino de sete anos, na ocasião aluno de uma turma de primeiro ano do Ensino Fundamental, em uma escola da rede pública estadual, no município de Porto Alegre (RS). Conduzida por ele e pelas enunciações das outras crianças participantes dessa e de outras investigações, a reflexão apresentada neste texto ancora-se em pesquisas desenvolvidas com as crianças e seus enunciados na/com a vida, amparadas em referenciais da Geografia da Infância e como essas prerrogativas podem ser relevantes na formação de professores. Na busca pelo encontro polifônico em que se assume o diálogo entre várias vozes diferentes, mas nem por isso hierarquizadas, o texto apresenta recortes da pesquisa “Quando eu olho de longe vejo mais. Quando eu chego mais perto vejo melhor as coisas que têm.” – A Geografia escolar nos anos iniciais do Ensino Fundamental: problematizações. O projeto articulou movimentos de investigação nos campos da Geografia e da Educação, por meio da realização de entrevistas semiestruturadas com professoras dos anos iniciais (uma de cada ano, do 1º ao 5º) em duas escolas da rede pública estadual de Porto Alegre (RS).

As entrevistas tiveram como objetivo conhecer e refletir, a partir das considerações das

professoras, sobre o desenvolvimento das propostas com a Geografia Escolar. As turmas de cada professora também participaram da pesquisa por meio da realização de rodas de conversa sobre os mapas e de dinâmicas de registros escritos e gráficos, que incluíram a criação de mapas vivenciais, propostas durante as aulas na escola, com a mediação da pesquisadora, acompanhada pela professora da turma. Nesta etapa da pesquisa, a ênfase recai sobre um dos momentos propostos com as crianças do primeiro ano do Ensino Fundamental, numa das escolas.

Propõem-se quatro movimentos analítico-reflexivos apresentados ao longo deste texto. O primeiro, intitulado “Com as crianças para escolher o caminho que se vai seguir”, apresenta considerações que articulam pressupostos teóricos sobre a pesquisa e a docência com as crianças. Na sequência, sob o título “O encontro com as crianças: ‘as coisinhas por ali e os papeizinhos’”, são destacadas notas de campo e reflexões sobre a pesquisa desenvolvida com as crianças do primeiro ano, em diálogo com as prerrogativas teóricas apresentadas anteriormente.

Em seguida, no movimento intitulado “Valentim, as crianças e a Geografia da Infância: caminhos para pensar a docência”, são feitas considerações sobre a importância da pesquisa com as crianças como premissa para a formação docente, colocando em destaque atividades a partir de uma das publicações da Geografia da Infância, que neste ano celebra vinte anos de publicação. Por fim, são tecidas as considerações finais, sob o título “Eu fiz o mapa que você tem que escolher o caminho que vai seguir”.

Com as crianças, escolhendo o caminho a seguir

Reiteradamente, as crianças e as suas infâncias são aprisionadas em visões biológicas e reducionistas, que desconsideram a sua autoria na relação com os fenômenos históricos e geográficos do mundo em que vivem. Essa leitura equivocada não considera as crianças e as profundas relações que estabelecem entre si, com os outros e com a vida espacializada no espaço geográfico. Com essas prerrogativas, as crianças são consideradas como seres humanos que precisam ser tutelados, que estão sendo preparadas para um vir a ser e, por isso, interpretadas unicamente a partir de perspectivas adultocêntricas. Em diversas escolas essas premissas são reforçadas, especialmente quando não se considera a participação das crianças na vida cotidiana e, sobretudo, a sua capacidade criadora.

Ao direcionar o olhar para as crianças, a escuta atenta de suas vozes e tantas outras formas de enunciação, reconhecendo-as enquanto construtoras das suas geografias na espacialização da vida,

entende-se que, como dizem Lopes e Vasconcellos, “toda criança é criança de um lugar. Do mesmo modo que, toda criança é criança em algum lugar” (2006, p. 110-111). Nesse sentido, as pesquisas com as crianças aqui defendidas apoiam-se nas prerrogativas éticas que buscam instaurar movimentos polifônicos, segundo a perspectiva de Bakhtin (1981), nos quais múltiplas vozes dialogam sem que nenhuma domine as outras. Assim, várias vozes se encontram em diálogo com as geografias produzidas por/com as crianças, suas vidas, seus territórios e lugares.

À vista disso, busca-se explicitar a potência da pesquisa com as crianças, sobretudo aquelas que reafirmam o compromisso ético, epistêmico e metodológico do estar COM as crianças. Desse modo, as ponderações são uma tentativa de demonstrar que quando as crianças são convidadas a comporem uma pesquisa implicada com elas e não para elas, revelam que criam mundos outros, mundos próprios, mundos compartilhados e mundos individuais, colocando em evidência o seu vasto repertório de relações e ações que demonstram maneiras particulares de ser com e estar com o espaço, com as pessoas e que culminam na produção de suas diversas formas de expressão.

No que tange às geografias e às crianças, compreende-se que elas possuem formas próprias de se relacionar com o espaço e constroem suas espacialidades nos grupos sociais em que estão inseridas, tanto com seus pares quanto com os adultos. Assim, entende-se que viabilizar pesquisas com as crianças, ancoradas em suas vivências e nas diversas linguagens com as quais significam e ressignificam o mundo em que vivem, desacomoda concepções adultas, especialmente no que diz respeito às formas e modos de se fazer pesquisa com elas.

Com esse compromisso político-epistêmico, entende-se a escola como um espaço-tempo em que “é preciso dar espaço, dar tempo para que a criança materialize a própria existência, permitir e confiar na transformação que esses novos seres trarão para a existência coletiva, para o mundo [...]” (Lopes; Paula, 2022, p. 137).

Nesse sentido, os registros apresentados a seguir almejam construir-se como um dispositivo de reflexão sobre a docência nos anos iniciais, alicerçado na espacialidade e autoria das crianças, e comprometido com propostas pedagógicas que dialoguem com as suas vidas, com os outros e com as coisas do mundo.

O encontro com as crianças: “as coisinhas por ali e os papeizinhos”⁷

⁷ Explicação de uma criança para a criação de um mapa da escola (nota de campo, 2023).

Ao chegar à escola, encontrei a turma do primeiro ano no pátio, acompanhados pela professora, com quem eu havia combinado um momento de conversa sobre os mapas⁸. Com a minha presença, a professora chamou Valentim e pediu para que ele contasse por que resolveu fazer mapas da escola:

Eu sou o Valentim, tenho 7 anos e do nada eu encontrei umas coisinhas por ali (mostra em várias direções para o pátio da escola).

Eu peguei um papelzinho, desenhei algumas partes da escola, coleí ali e pronto.

E aí, eu estou fazendo o mapa da escola com tudo isso que eu encontro. Eu faço um pouquinho cada dia. Mas esse mapa está em casa, porque está ficando com muitas partes, porque estou juntando vários papezinhos. (nota de campo, 2023).

Algumas crianças se aproximaram nesse momento para saber sobre o que estávamos conversando. Valentim conta novamente sobre o mapa que está fazendo da escola. As crianças, curiosas, pedem para ver o mapa, e ele diz que talvez não seja possível, pois estragaria durante o deslocamento! Algumas crianças pedem que ele conte mais sobre esse “tal” mapa.

Com o pedido da professora, a turma se agrupou e seguimos em direção à sala de aula. O espaço era pequeno e as classes estavam agrupadas compondo três grupos. A turma era composta por vinte e cinco crianças que, com tranquilidade, sentaram-se nos locais que já estavam definidos. Algumas falaram que já sabiam do nosso encontro e que a professora havia contado que iríamos conversar sobre os mapas.

Iniciamos nossa conversa sobre os mapas, e as crianças começaram a falar sobre os mapas que viam na escola e sobre outras situações em que já os tinham visto, em diferentes lugares. Distribuí os mapas sobre as carteiras ou no chão, conforme a indicação das crianças, que, sem mais atenção à minha presença, se debruçaram sobre eles com interesse. Apontaram locais, leram nomes de lugares para os colegas mais próximos e conversaram sobre diversos assuntos a partir da leitura dos mapas. A Figura 1 mostra um desses momentos.

Iniciamos nossa conversa sobre os mapas e as crianças contaram sobre os mapas que viam na escola e algumas situações em que já tinham visto, em outros locais. Dispus mapas sobre as classes ou no chão, de acordo com a indicação das crianças, que sem dar mais atenção a mim, se debruçaram sobre eles. Indicaram locais, leram nome de lugares para os colegas que estavam próximos e conversaram sobre vários assuntos a partir da leitura dos mapas. A figura 1, mostra um desses

⁸ A partir deste ponto, assumo a narrativa em primeira pessoa, registrando uma das experiências vividas durante a pesquisa pela pesquisadora xxxxx. Essa mudança de tom busca preservar a singularidade da interação com as crianças e evidenciar a dimensão situada e relacional do trabalho de campo.

momentos.

Figura 1

“No mapa eu achei muitos lugares que eu já fui”



Fonte: Arquivo pessoal.

Os registros dos movimentos e narrativas das crianças sobre/com os mapas, foram sistematizados em notas de campo. Na sequência, a turma foi questionada:

- Se vocês fossem fazer um mapa sobre o que viram e conversaram olhando os mapas, o que mostrariam nele? Como fariam?

- Vamos fazer mapas?

Com o convite prontamente aceito, foram oferecidas folhas em tamanho A4, lápis de cor e canetinhas para que as crianças fizessem seus mapas. A participação das crianças foi intensa e, embora cada uma estivesse concentrada em seu próprio desenho, elas conversavam entre si, mostravam seus mapas e pediam para ver os dos colegas. Assim, enquanto elas faziam seus registros e dialogavam com as outras crianças, circulei pelos grupos prestando atenção aos seus movimentos e conversas.

As diversas notas de campo em que os diálogos foram registrados, bem como os mapas criados, evidenciam as marcas e escrituras das crianças e propõe compreender as suas diversas linguagens. Afinal, “toda palavra dita/existente gera nascimentos diversos” (Lopes, 2020, p. 257). Esses registros também revelam o quanto as crianças estão implicadas com os elementos da cultura cartográfica e como esses emergem em diversas situações que são explicadas, narradas e mapeadas de forma particular, a partir de suas lógicas, reafirmando que “não há vocábulo sem afeto, não há vocábulo sem contexto, não há contexto sem afetividade. De tudo isso emerge o novo, cria-se o irrepetível do momento” (Lopes, 2024, p. 53).

Apoiadas em estudos da Geografia da Infância (GRUPEGI) tais como: Lopes e Vasconcelos (2005),

Lopes, Costa e Amorim (2016), Lopes (2020, 2021, 2024), Vigotski (2010) entre outros, afirma-se que os “mapas vivenciais” (Lopes; Costa; Amorim, 2016, p. 248) produzidos pelas crianças, constituem-se como formas de estabelecer aproximações na busca pela compreensão de suas espacialidades. Da mesma forma, as notas de campo presentes nesse texto remetem ao conceito de “vivência” (Vigotski, 2010, p. 683), referenciada pela palavra russa *perejivanie*, que é definida como uma unidade de elementos do meio, com a qual se pode compreender como o meio exerce influência na criança e como esta reage aos diferentes acontecimentos desse meio sem, no entanto, recorrer a teorias deterministas, pois para a autor

A vivência é uma unidade na qual, por um lado, de modo indivisível, o meio, aquilo que se vivencia está representado – a vivência sempre se liga àquilo que está localizado fora da pessoa – e, por outro lado, está representado como eu vivencio isso, ou seja, todas as particularidades da personalidade e todas as particularidades do meio são apresentadas na vivência, tanto aquilo que é retirado do meio, todos os elementos que possuem relação com dada personalidade, como aquilo que é retirado da personalidade, todos os traços de seu caráter, traços constitutivos que possuem relação com dado acontecimento (Vigotski, 2010, p. 686).

Nessa perspectiva, as vivências evidenciam as relações das crianças com as pessoas, eventos, lugares, o mundo e as diversas coisas que nele existem. Alinhando-se a Lopes (2024), entende-se a vivência como “vivência espacial”, para enfatizar a “conjunção como centro da espacialização da vida, dos estudos da Geografia da Infância” (Lopes, 2024, p. 43).

Dessa forma, acentua-se que, com a Geografia Escolar, há inúmeras situações que envolvem a dimensão e as linguagens espaciais pelas quais as crianças criam formas autorais de ser e estar no espaço. Outrossim, ressalta-se a necessidade de considerar a condição geográfica das infâncias como pressuposto na docência com as crianças, afinal, elas não nascem em “espaços e tempos vazios” (Lopes; Vasconcelos, 2005, p. 35); são “situadas geograficamente e constituidoras de geografias” (Amorim; Costa, 2015, p. 125).

A partir dessas perspectivas, torna-se imprescindível para professores e pesquisadores investigar como a espacialidade das crianças pode fomentar propostas didáticas que valorizem suas autorias e suas leituras de mundo.

Valentim, as crianças e a Geografia da Infância: caminhos para pensar a docência

Como enfatizado em outros trabalhos sobre a docência e a pesquisa (Theves, 2018; Theves,

2022), a mediação pautada no diálogo para o desenvolvimento de propostas didáticas com as crianças tem revelado a expressão de seus mundos em diferentes linguagens — prerrogativas fundamentais quando se reflete sobre a docência e a formação de professores.

Nessa direção apontam os estudos da Geografia da Infância, cujos postulados defendem que

As crianças vivem o espaço em sua plenitude geográfica, que estão presentes nas paisagens, deixando suas marcas. Elas constroem/destroem suas formas, estabelecem lugares e territórios, vivem seus afetos, seus desejos, e autorias, inventam, arquitetam ou “desarquitetam”, aceitam ou rejeitam tais espaços, seja no campo da percepção ou da representação (Lopes, Jader Janer Moreira, 2018, p. 67).

Assim, as contribuições desse campo de pesquisa que propõe compreender as crianças, suas espacialidades e presença no mundo, suas lógicas, ouvindo e aprendendo com elas, também tem problematizado a docência e a formação de professores. Afinal, “a criança é o sujeito privilegiado de nossas ações, o motivo de nossa ação profissional, e a concebemos como esse sujeito de nosso diálogo, nunca como objeto de nossa ação” (Barenco, 2017, p. 122).

A partir desses pressupostos e com a intenção de compartilhar reflexões e celebrar a publicação “Geografia da Infância: reflexões sobre uma área de pesquisa”⁹, foi proposto um seminário para estudantes de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), com o objetivo de compartilhar a leitura do livro.

Dos relatos registrados sobre o seminário, apresenta-se um que foi feito por uma estudante que participou do seminário ao afirmar que

Não importa o quão longe vá o pensamento de um escritor, certo é que ele vai fazer o pensamento do leitor ir muito mais além. Essa parece ser uma lei natural, da qual quem lê não escapa. Pois foi assim com a leitura do livro “Geografia da infância - Reflexões sobre uma área de pesquisa”, de Jader Janer Moreira Lopes e Tânia Vasconcellos. Eles nos provocaram profundas reflexões sobre as geografias e sua importância na história de nossas vidas. Até os dias atuais, todas as histórias só fazem sentido se associadas a algum lugar. Então, não é possível registrar, contar ou estudar uma história sem suas geografias, tenham elas as dimensões de países, de cidades, de bairros, ou nossa da casa e nossa escola (Nota de campo, 2025).

Jader e Tânia abordam as geografias da infância com muita propriedade compilando pensamentos de diversos autores, mas com um destaque para o aprimoramento da ideia de geografias como espaços que se transformam em lugares, à medida que as crianças lhes atribuem valores subjetivos. Ainda, que no âmbito da coletividade, mescladas as singularidades e os arranjos sociais,

⁹ O livro foi publicado em 2005. LOPES, Jader Janer Moreira Lopes; DE VASCONCELLOIS, Tânia. **Geografia da Infância: reflexões sobre uma área de pesquisa**. Juiz de Fora: FEME, 2005.

formam seus territórios. Com efeito, em nossa rotina na docência da Educação Infantil, trabalhamos os espaços na medida da vontade das crianças, oportunizando a elas o protagonismo na criação de seus lugares e territórios; e não resta dúvida de que as geografias constituem a própria orientação de sua infância.

Na disciplina de Especialização da Vida e Geografia com Crianças foi realizado um seminário sobre o livro de Jader e Tânia. No sentido de dinamizar os saberes auferidos, cada grupo compartilhou com os demais as ideias dos autores e apresentou uma proposta suscitada a partir da leitura. Um dos grupos realizou a proposta narrada a seguir

Nosso grupo propôs que todos os colegas desenhassem a escola, segundo suas percepções, memórias e sentimentos. Da observação dos desenhos, observamos a individualidade de cada um, não obstante o manifesto sentimento de coletividade que pautou a dinâmica. Eles retrataram suas memórias carregadas de afetividades ímpares, mostrando que aqueles lugares de passados tão distantes são, ainda, tão presentes por terem constituído as geografias de suas vidas, como se observa na Figura 2 (Nota de campo, 2025).

Figura 2
“Lembranças da escola”



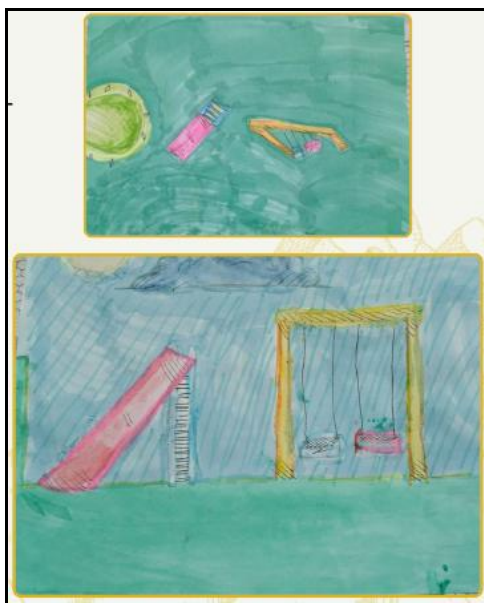
Fonte: Arquivo pessoal.

O segundo grupo propôs aos colegas que dissessem palavras relacionadas à infância e que tivessem a ver com a concepção do mundo infantil. Palavras como imaginação, exploração, jogo, transformação, lúdico e brincadeira, todas sugerindo geografias da infância. Ainda que as intenções fossem suas histórias, evidenciaram que não há contexto sem os lugares.

Outro grupo propôs para crianças e jovens de seu círculo de convivência que desenhassem croquis, como denominado no livro, e que, depois de feito o desenho, o explicassem. Eles desenharam

diferentes locais que gostavam. Executaram a tarefa mostrando cenas, o que leva a crer que são suas memórias mais marcantes. Todas deram destaque para o lugar que mereceu fazer parte dessas memórias, como se observa na Figura 3, em que Clarissa desenhou os brinquedos de uma praça próximo a sua casa. As explicações dadas foram transcritas e, durante o seminário, os licenciandos foram convidados a criar desenhos a partir dessas descrições. Após a conclusão, os desenhos produzidos foram apresentados à turma, sendo exibidos também os croquis originais das crianças e jovens.

Figura 3
“Um lugar que eu gosto muito (Clarissa – 10 anos)”



Fonte: Arquivo pessoal.

Jader e Tânia ensinam que as diferentes formas de ser criança criam traços simbólicos que perduram pela vida toda, mas as formas de ser criança dependem dos lugares em que fomos crianças. Nesse diapasão, os lugares que criamos ao atribuir valores aos espaços e ao reservar à memória nossa singularidade dentro dos territórios formam a nossa história — impossível sequer de ser lembrada sem as geografias.

A propósito, Jader e Tânia tiveram a sensibilidade de mencionar a importância das geografias para Mário Quintana, poeta gaúcho, revelada ao dizer que a gente sempre continua morando na velha casa em que nasceu.

A turma que participou do seminário destacou que, “com as reflexões a partir da leitura e do seminário, nossas concepções sobre a docência com as crianças foi ressignificada!” (Nota de campo,

2025).

“Eu fiz o mapa que você tem que escolher o caminho que vai seguir”

Figura 4
Qual caminho você escolheu?



Fonte: Arquivo pessoal.

O mundo é diverso, a infância é plural tal como são as formas de vivenciar e geografar o espaço. As crianças nos ensinam que há possibilidades para reinventar as pesquisas, a formação de professores, a docência (e a escola), desde que não esqueçamos de ouvi-las, de considerar a sua capacidade criadora e responsabilizar-nos por construir espaços-tempo que as acolham e as reconheçam como autoras. Para isso, é fundamental levar em consideração sua presença, seus mundos, suas lógicas, suas linguagens e os seus conhecimentos.

Nos mapeamentos realizados por meio dos mapas vivenciais, as crianças manifestaram sua espacialidade e autoria tanto na expressão gráfica quanto nas narrativas sobre seus movimentos no espaço, suas leituras de mundo e de mapas. As vivências espaciais das crianças, representadas graficamente em seus mapas, em suas falas e explicações dirigidas às outras crianças, professoras e pesquisadoras, expressam suas espacialidades e territorialidades, utilizando suas linguagens e convidando a ver, ouvir, sentir e compreender o que realizaram nos mapas. Contam sobre si e seus mundos!

Nas pesquisas e a docência COM as crianças, é preciso escolher o caminho a seguir. O mapa feito

por Valentim (Figura 4) pode ajudar!

Referências

- AMORIN, Cassiano Caon; COSTA, Bruno Muniz Figueredo. Diálogos entre a Geografia Escolar e a docência com a Geografia da Infância. *In*: BEZERRA, Amélia Cristina Alves; LOPES, Jader Janer Moreira; FORTUNA, Denizart. **Formação de professores de Geografia: diversidade, práticas e experiências**. Niterói: Editora da UFF, 2015. p. 115-128
- BARENCO, Marisol. Apontamentos na invenção de uma escola possível. *In*: DE MELLO, Marisol Barenco. **O amor em tempos de escola**. São Carlos: Pedro & João, 2017. p. 121-125.
- BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1981.
- LOPES, Jader Janer Moreira; PAULA, Sara Rodrigues Vieira de. Que vozes vivem e morrem nas paisagens? Geografias das infâncias e acabamentos outros. *In*: VALLERIUS, Daniel Malmann; MOTA, Hugo Gabriel; SANTOS, Leovan Alves dos (Orgs.). **Ensino de Geografia, Cidadania e Redes Colaborativas**. Goiânia: C&A Alfa Comunicação, 2022. p. 125-144.
- LOPES, Jader Janer Moreira. **Atrás da Porta: Vivências espaciais esquecidas pelas geografias dos adultos para [com]viver e [co]existir com as geografias das infâncias de bebês e crianças**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2024.
- LOPES, Jader Janer Moreira. **As palavras são as nossas primeiras formas de existir geograficamente no mundo: enunciações sobre amorosidade espacial**. *In*: DUARTE, Angélica; CONCENCIO, Márcia. **Palavras Bakhtinianas para mudar o mundo**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2020. p. 247-259.
- LOPES, Jader Janer Moreira; VASCONCELOS, Tânia de. **Geografia da Infância: reflexões sobre uma área de pesquisa**. Juiz de Fora: FEME, 2005.
- LOPES, Jader Janer Moreira; COSTA, Bruno M.; AMORIM, Cassiano. Mapas vivenciais: possibilidades para cartografia escolar com as crianças das séries iniciais. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, [s. l.], v. 6 n. 11. 2016. Disponível em: <http://revistaedugeo.com.br/ojs/index.php/revistaedugeo/article/view/38>. Acesso em: 19 mar. 2025.
- LOPES, Jader J.; VASCONCELLOS, Tânia de. GEOGRAFIA DA INFÂNCIA: Territorialidades Infantis. **Revista Currículo sem Fronteiras**, Porto Alegre, v. 6, n. 01, janeiro/junho, 2006, p. 110-111. Disponível em: <https://biblat.unam.mx/hevila/CurriculosemFronteiras/2006/vol6/no1/8.pdf>. Acesso em: 30 abr. 2025.
- THEVES, Denise W. **Pelos labirintos da docência com os fios de Ariadne: geografia e existência que (trans)formam a mim e meus alunos**. Tese (Doutorado em Geografia). Programa de Pós-Graduação em Geografia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), 2018.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. Quarta aula: a questão do meio na Pedologia. Quarta aula: a questão do

meio na Pedologia. Tradução de Márcia Pileggi Vinha. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 21, n. 2, p. 681-701, 2010. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/psicousp/issue/view/3464>. Acesso em: 8 mar. 2024.

Revisão textual e de normas da ABNT realizada por: Taiane Fabiele da Silva Bringhenti.